

Paulo Rónai, um crítico renomado - Quando a crítica literária e a tradução encontram voz no mesmo intelectual

Doutoranda Zsuzsanna Spiry (USP)¹

Resumo:

Fiel à tradição que lhe deu origem e ao seu tempo, uma das práticas intelectuais a que Paulo Rónai deu grande expressão através dos jornais de maior circulação do Brasil, em meados do século XX, foi a crítica literária. Devido talvez à sua imagem fortemente ligada à tradução, que contrariamente à tradição húngara, na época em que Rónai se projetou no cenário literário brasileiro não encarava a atividade tradutória como uma atividade literária nobre, o que se constatou após o mapeamento da obra ronaiana e de sua fortuna crítica foi que, com raras exceções, a sua atuação como crítico literário não havia sido levada em conta. As referências localizadas ou faziam jus ao tradutor, ou ao lexicógrafo, ou ao filólogo, mas não faziam menção à sua vasta produção como crítico. Segundo o levantamento apresentado na dissertação “Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary”, comprovadamente Rónai publicou cerca de 800 artigos, uma centena dos quais ainda na Hungria, antes de 1941, e os demais em jornais e revistas especializadas brasileiras e internacionais. Uma pequena parcela desses ensaios é preservada na forma de livros publicados posteriormente, mas a grande maioria corre o risco de se perder no esquecimento, apesar de seu valor crítico e literário, devido à efemeridade dos jornais. O objetivo é dar a conhecer o perfil dessa produção literária de Paulo Rónai, através de um exemplo, e avaliar sua contribuição no cenário intelectual brasileiro.

Palavras-chave: crítica literária, saber com sabor, erudição com humor, Paulo Rónai.

1 Introdução

Ao terminar de ler o artigo de Paulo Rónai que será examinado a seguir, imediatamente senti vontade de ler o livro que o havia originado. Esse impulso me fez lembrar a resenha que Nelson Ascher fizera para o último lançamento literário de Rónai,² já que explica a experiência que eu acabara de ter:

Prova central da qualidade de um crítico literário é sua capacidade de despertar interesse por obras desconhecidas. (ASCHER, 1990)

Aliás, quando se referiu a um “rigor crítico” no próprio título da resenha, Ascher aticara a minha curiosidade – “Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios ‘Pois É’”. Depois de estudar sua obra há alguns anos, eu não tenho Rónai como uma pessoa rigorosa, ao contrário. Ele mesmo afirma que seu objetivo é, no mínimo, compartilhar com os leitores as emoções que determinada obra lhe causara, desta forma produzindo textos sempre leves e de leitura agradável. Porém, a palavra “rigor” também pode se referir a “vigor, fortaleza, força” ou ainda, “ausência de qualquer desvio, precisão, exatidão”. Essas sim são características que também vejo presentes nos ensaios de Rónai. E não somente Ascher, mas o editor da Revista Serrote nº 13, de março de 2013,

¹ Cursando o programa de Estudos da Tradução / FFLCH / USP, sob orientação do Prof. Dr. John Milton.

² RÓNAI, P. *Pois É*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

também faz menção ao estilo ronaiano ao apresentar um ensaio seu sobre Balzac. Diz Paulo Roberto Pires:

Muito antes de Roland Barthes lembrar a origem comum de **saber** e **sabor**, Paulo Rónai fazia desta proximidade etimológica um **método de trabalho**. É o que atesta o ensaio, até hoje inédito, que publicamos não apenas pela originalidade com que lê Balzac, mas também, ou sobretudo, pela síntese nada menos que perfeita entre **erudição, bom humor** e uma **hipótese original**. [Grifo meu.]

Como se verá a seguir, tanto o editor da Serrote, em 2013, como Ascher, em 1990, caracterizam o estilo ronaiano de forma semelhantes. Em sua resenha, antes de falar do livro em si, Ascher continua dando as características gerais que no seu julgar um crítico literário deve ter:

Criticar, para muitos, é sinônimo de atacar, desqualificar, reduzir a nada. Talvez, no caso de inúmeros críticos, seja assim mesmo, mas o bom crítico só realiza essas operações a contragosto; seu **verdadeiro prazer**, aquilo que o move a escrever, deve ser, antes de mais nada, **o prazer de compartilhar** com outros uma boa obra, iniciando um diálogo potencialmente infinito. É a essa rara categoria que pertence Paulo Rónai. (ASCHER, 1990) [Grifo meu.]

Sempre que a ocasião lhe permite, Rónai deixa transparecer esse prazer com muito bom humor, sendo o objetivo aqui demonstrar este fato através do exame do ensaio ronaiano “O Soneto e a Emenda”,³ em que ele analisa a obra “O Soneto de Arvers”, de Melo Nóbrega, publicado pela Livraria São José em 1954.

Mais adiante em sua resenha, Ascher destaca outras características do estilo ronaiano:

Cada artigo, por seu equilíbrio entre certezas e indagações, entre erudição e humor, pela curiosidade intelectual sempre manifesta, é um exemplo da possibilidade de um estilo que contém autoridade sem perder a leveza, capaz de abordar temas complexos ou estranhos sem se tornar afetado. (ASCHER, 1990) [Grifo meu]

Observações semelhantes às do editor da Revista Serrote e às minhas próprias, pois deram voz às impressões que tenho ao entrar em contato com os ensaios de Rónai e também condensam a impressão que coleciono de outros comentaristas durante a leitura de jornais da época em que Rónai publicava seus artigos, conforme leitura feita através de pesquisas online na Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. A coincidência de impressões, me parece, é um claro indício de que o estilo ensaístico do crítico Paulo Rónai passou pelo teste do tempo e pode ser considerado como característico de sua obra.

No final da carta editorial, o editor da Serrote nos oferece uma síntese:

A variedade de temas e abordagens tem seu denominador comum no **saber e sabor reconciliados**, um dos sentidos possíveis, aliás, **do ensaísmo que vale a pena**. [Grifo meu]

De alguma forma a posição de Paulo Roberto Pires – o estilo de ensaísmo que vale a pena, isto é, aquele que concilia saber e sabor – se apresenta como resposta àqueles que, até hoje, ocasionalmente estão na mídia reclamando a ausência desse tipo de crítico.

A seguir vamos examinar de perto este ensaio de Rónai que imagino ser típico de sua produção. Não foi uma tarefa simples selecionar um único ensaio, pois no final do levantamento feito por mim na dissertação de mestrado, eu tinha listados mais de 600 artigos de Rónai publicados

³ RÓNAI. 1958, p.237.

nos maiores jornais da época e hoje, com as facilidades tecnológicas agora disponibilizadas pela Fundação Biblioteca Nacional, está sendo possível localizar mais, o que me permite ter em mãos, cerca de 800 artigos de crítica literária publicados por Paulo Rónai.

2. O Ensaio “O Soneto e a Emenda”

O ensaio de Rónai que vamos analisar daqui em diante, foi publicado na forma de artigo de jornal em 1955, e em 1958 em sua coletânea de ensaios intitulada “Encontros com o Brasil”. Nele o ensaísta analisa o livro “O Soneto de Arvers”, de Melo Nobrega.

Rónai abre o texto com uma **leveza** quase coloquial, um tom de voz inesperado para uma pessoa com fama de erudita:

A princípio achei esquisita a ideia de consagrar um livro inteiro a uma única poesia. (RÓNAI, 1958, p.237)

Em seguida, faz referência a outras obras no mesmo tom brincalhão – **erudição sem afetação** – e demonstra com clareza que está atualizado e a par do que acontecia no meio literário, portanto não poderia ser ele “surpreendido” por obra nenhuma.

Ainda se fosse um poema tumultuoso e cheio de mistérios como “O Barco Ébrio”, de Rimbaud, do qual Augusto Meyer promete para breve uma exegese, ou um poemeto inquietante, todo feito de subentendidos, como esse “Prêto no Branco” que há pouco Lêdo Ivo aproveitou como pretexto de uma análise espirituosa da arte de Manuel Bandeira! (RÓNAI, 1958, p.237)

E demonstra um pouco caso incomum a um crítico, principalmente do seu quilate, referindo-se ao objeto de sua análise como “obrinha”:

Mas o “Soneto de Arvers”, uma obrinha que todos trazem de cor e que nunca ofereceu enigmas a nenhuma imaginação! que, de mais a mais, já está resumido inteirinho na primeira quadra: (RÓNAI, 1958, p.237)

[quadra não reproduzida aqui.]

Esse tom de voz negativo, além de despertar a atenção do leitor que não está acostumado a ver Paulo Rónai usar esse tipo de linguajar, vai construindo um clímax, dando mais ênfase, por contraste, à revelação que virá depois. Além disso, como mencionou Ascher, ao reclamar que o Soneto de Arvers nunca oferecera nenhum enigma à imaginação de seus leitores, Rónai confirma o que interessa ao crítico, isto é, aquilo que desperta a curiosidade intelectual, seja a dele ou do público.

O clímax, Rónai o faz com uma exclamação em francês, a língua original do poema, e assim continua surpreendendo ao leitor com o seu rompante de indignação:

“*Tant de bruit pour un sonnet!*”⁴ (RÓNAI, 1958, p.237)

Somente quem conhece bem uma língua pode se dar ao direito de brincar com as palavras dela e ter a autoridade para fazê-lo – erudição – num tom de voz de quem diz “Oras bolas, sou capaz até de brincar em francês, que dirá avaliar o Soneto de Arvers”. Rónai foi mais longe ainda, já que, segundo comentários, a exclamação “*Tant de bruit pour un sonnet !*” parece fazer um jogo de palavras com algum trecho do poema de Rimbaud por mencionado no início.

⁴ “Tanto barulho por um soneto!” [Minha tradução.]

Criado o clímax, é chegado o momento da revelação e Rónai faz uma autoconfissão – mais uma vez, **erudição sem afetação** – na mesma linha da exclamação:

“Tant de bruit pour un sonnet!” Por não conhecer o autor, formara uma ideia errada do livro. Por isso deixara-o ficar por muito tempo na estante sem o abrir, atrasando à toa o prazer que sua leitura havia de me causar. (RÓNAI, 1958, p.238)

A aparente afetação indignada do início do texto, agora evidentemente proposital, havia elevado o clímax ao grau máximo. A revelação da verdade, afinal, acaba caindo como um peso inversamente proporcional ao clímax, o que valoriza ainda mais a confissão que o ensaísta faz. Como disse Ascher, observa-se claramente o equilíbrio entre erudição e bom humor. O prazer da leitura declarado após o “menosprezo” inicial valoriza ainda mais a declaração desse prazer.

Passado o momento da brincadeira, do bom humor, Rónai realiza a tarefa clássica do crítico, isto é, contextualiza o autor:

O Sr. Melo Nóbrega, cuja bibliografia não se assinala pela quantidade, já consagrou um livro à história de um rio (o Tietê). Seu objetivo atual, embora pareça insignificante em comparação com o anterior, encerrava uma riqueza imprevista de confluências e ramificações que só um espírito sagaz e culto podia descobrir. (RÓNAI, 1958, p.238)

Para denotar identificação com o autor, Rónai brinca com palavras próprias da obra sobre o rio Tietê, “confluências e ramificações”, e começa a listar as qualidades que percebe no escritor analisado – espírito sagaz e culto –, à maneira quase de uma pequena homenagem, como que se desculpando, por via de dúvidas, das brincadeiras feitas até então.

Louve-se, antes de mais nada, o seu senso de medida, raro nos autores de monografias, tão propensos a supervalorizar o assunto que por muito tempo lhes monopolizou a atenção. Reconhecendo a mediocridade do “rei dos sonetos”, encara-o antes como um fenômeno da vida literária, e não como um produto estético puro, e se interessa principalmente pelo problema da sobrevivência desses quatorze versos isolados, sem apoio em qualquer outra obra de Arvers, poeta menor do romantismo. Mostra como, neles, um lugar-comum da poesia de todos os tempos, mas sobretudo da poesia romântica, veio exprimir-se sob forma equilibrada, direta e singela, isenta de exageros românticos. Explicadas a sua gênese e sua fortuna literária, não somente o soneto ganha uma perspectiva panorâmica, mas se abrem outras perspectivas sobre as relações da obra de arte com a vida do autor, com a crítica, com o público, com a posteridade. (RÓNAI, 1958, p.238)

A autoridade do crítico erudito, transparente no parágrafo acima, é exercida de diversas formas: primeiro pelo tom de voz, que agora perde todo tom brincalhão, mantendo porém um registro acessível a qualquer leitor de questões literárias. Ambos, Melo Nóbrega e Rónai, concordam sobre a mediocridade do “rei dos sonetos” e do lugar ocupado por seu autor, “poeta menor do romantismo”. Segundo, a qualidade da obra de Melo Nóbrega, que apesar de estar lidando com um “lugar-comum da poesia”, se interessa pelo problema de sua sobrevivência inusitada – portanto por “um fenômeno literário” –, e será esta abordagem inusitada que irá despertar a curiosidade de Rónai, seu crítico.

Além disso, com firmeza e sem afetação, Rónai passa a usar adjetivos que denotam as características essenciais do autor: espírito sagaz, senso de medida, bom senso ao reconhecer a “mediocridade do rei dos sonetos”, objetivo bem definido, isto é, analisar um fenômeno da vida literária, que Rónai não limita somente à obra per si, mas a todo o universo em que ela gravita. Ele

também destaca o método de trabalho de Melo Nóbrega, que passa da explicação da gênese do soneto, de seus protagonistas, e de sua fortuna literária, e conclui que devido a esse método de trabalho Melo Nóbrega reposicionou as perspectivas da obra, numa panorâmica nova. Esta apreciação de Paulo Rónai tem origem nos fundamentos de sua escola – o sistema literário húngaro da virada do século XX – em que um dos maiores intelectuais da Hungria, o poeta, ensaísta e escritor Ady Endre, em 1905 já dizia que

“[...] a m vész új színekre, új látásra tanítja közönségét”. E szerint a felfogás szerint a m vészet lényegét nem az adja, hogy újra és újra elismételi a már ismert értékeket, és ezáltal, mondjuk, segíti társadalmi méret elterjedésüket, hanem abból fakad, hogy sajátos értékeket teremt. A m vészet, az irodalom, a költészet nemcsak reprodukálja az értékeket, hanem konstituálja is ket.”⁵ (KENYERES, 2013)

Depois dessa opinião geral sobre a obra, Rónai passa a examinar seus principais elementos:

Baseado numa erudição vastíssima, mas que nunca se torna pesada por estar subordinada ao controle de um gosto seguro, desenrolam-se os capítulos deste delicioso estudo, oferecendo em seu conjunto um modelo de monografia literária. Somos levados a conhecer primeiro o ambiente em que o soneto desabrochou, a biblioteca do Arsenal na época de Charles Nodier, e vemos transitar por ele, no meio de contemporâneos de primeira grandeza, a modesta figura de Félix Arvers, a suspirar platonicamente pela musa do salão, a filha do Nodier. Surge o soneto, de limitada originalidade, em cuja trama se nos mostram ecos e reminiscências talvez inconscientes de versos de poetas anteriores; suas vicissitudes, o esquecimento periódico que o envolve, seus redescobrimentos sucessivos são relatados com a finura de quem sabe apontar sempre o detalhe pitoresco ou revelador. O mesmo espírito selecionador ordena as alusões, réplicas, imitações e pastichos a que o soneto deu ensejo, para num último capítulo se demorar Melo Nóbrega num exame crítico das mais conhecidas de suas inúmeras traduções brasileiras. (RÓNAI, 1958, p.239)

Logo de início chama atenção o reconhecimento de Rónai à erudição e ao bom gosto no autor. Uma opinião inclusive compartilhada por vários outros críticos, segundo se vê nas orelhas da 2ª edição do livro de Melo Nóbrega, posterior ao artigo de Rónai.⁶ Quando determina que em seu conjunto, a obra se apresenta como um modelo, Rónai oferece elogio maior que todos os adjetivos juntos. Ao descrever a gênese da obra Rónai demonstra qual é o modo desse modelo. E o crítico continua reconhecendo o soneto como uma obra menor, mas isto não desmerece o trabalho de Melo Nóbrega, em absoluto.

Para Rónai, o valor do crítico – e acho que nesse caso tanto Melo Nóbrega como Rónai estão incluídos – e prova de sua erudição consiste em perceber ecos e reminiscências de versos de poetas

⁵ “[...] “o autor ensina ao público novas cores, novas visadas”.⁵ De acordo com esta percepção, o essencial da obra de arte não é dado pela repetição continuada dos mesmos valores já conhecidos, desta forma ajudando a replicá-los, mas sim pela criação de um valor próprio. A arte, a literatura e a criação literária não reproduzem valor simplesmente, mas a constituem.” [minha tradução, do húngaro.] Extraído do ensaio de Kenyeres Zoltán, “*Babits és a Nyugat irodalomszemlélete*”, consultado online em agosto/2013
<https://sites.google.com/site/kenyereszoltan/%E2%80%9Eakett%C3%A9szakadtirodalom%E2%80%9D%C3%A9s%E2%80%9Eazir%C3%A1stud%C3%B3k%C3%A1ru>

⁶ Além de Paulo Rónai, na orelha da 2ª edição de O Soneto de Arvers, de Melo Nóbrega, de 1957, constam comentários de: E. Roquette-Pinto, R. Magalhães Júnior, Gondin da Fonseca, Manuel Bandeira, Raul Lima, Othon Costa, Hermes Lima, Ciro Vieira da Cunha e Adriano Pinto.

anteriores, sem deixar passar detalhes pitorescos e reveladores, operações estas que, para Rónai, atestam a qualidade literária do autor.

No parágrafo seguinte, Rónai se dedica a descrever o estilo de Melo Nóbrega:

Como o principal valor do estudo consiste precisamente na coordenação de fatos miúdos mas significativos, é impossível condensá-lo. São particularmente instrutivos os dados concernentes ao grande número de equívocos que contribuíram para a cristalização dessa frágil mas resistente glória. O amor que inspirou o soneto não era das grandes paixões românticas; a situação nele descrita (o sentimento ignorado por quem o provocou) não correspondia à realidade; a réplica divulgada como sendo da musa impiedosa não passava de um pasticho; a perfeição artística dos versos é um mito, que se dissipa a um exame algo aprofundado. Em suma, tudo é medíocre no soneto: os protagonistas, o sentimento, as peripécias – mas, por um milagre único na sua obra aliás insignificante, Arvers pegou tais elementos em um momento de culminância, esse instante único de poesia latente na vida de qualquer pessoa. (RÓNAI, 1958, p.240)

Como se vê, Rónai localiza e elenca alguns tópicos “obrigatórios” em uma análise crítica – o **rigor crítico** mencionado por Ascher – ou seja, a importância do destaque daqueles fatos miúdos que, coordenados, acabam dando uma significância especial para a obra. Apesar da mediocridade do soneto, o crítico destaca o provável motivo de seu sucesso: “este momento único de poesia latente na vida de qualquer pessoa”, que, dito desta forma, sugere que Rónai já se deparou com este tipo de evento ao longo de seus infinitos contatos com obras literárias de toda sorte, mais uma vez prova de sua erudição e cultura.

Um tema de presença constante na atividade literária de Rónai, a tradução do soneto no Brasil se destaca e se faz presente no parágrafo seguinte de seu ensaio.

A fortuna extraordinária que teve o soneto no Brasil, onde sua tradução se tornou por assim dizer um teste obrigatório para poetas e o nome do autor uma rima convencional para “mulher”, sugere ao comentador observações agudas sobre a possibilidade de traduzir poesia em geral, como o grau de aproximação conseguido pelos diversos tradutores. É interessante notar que, pelo acaso de suas rimas, essa poesia tantas vezes vertida deveria antes desencorajar a tradução para o português, pois nenhuma das consoantes, vertida, continua rimando. Os que se apegam a qualquer delas falham em sua tentativa: assim, por exemplo, quem manteve mistério no fim do primeiro verso, por fidelidade ao *mystère* francês, viu-se forçado a rimá-lo com *cemitério*, *refrigério*, *etéreo*, *funéreo*, *sério*, etc., outras tantas palavras que envolviam deformações de sentido e comprometiam a discrição e a medida, valores principais do original. (RÓNAI, 1958, p.240)

Rónai não somente demonstra sua intimidade com a questão tradutória, como também com a tradução de poesia em especial, haja visto sua larga experiência de tradutor de clássicos latinos, confirmada durante o levantamento de sua produção bibliográfica⁷ e no exame de seu livro “A Tradução Vivida”, que tem uma grande parcela dedicada às questões de tradução poética. A percepção de que a tradução de “O Soneto de Arvers” havia se transformado quase que em um teste obrigatório para poetas brasileiros, leva a análise a um questionamento universal sobre a traduzibilidade poética em geral. E constata: mesmo as traduções não tiveram sucesso. Em seguida Rónai destaca uma curiosidade:

⁷ Ver SPIRY, 2009.

Entre as versões recenseadas, merece especial atenção a de D. Pedro II (época feliz essa de monarcas traduzindo sonetos!), menos pelo seu valor estético – “A tradução de nosso bondoso imperador não lhe acrescenta os méritos literários” – do que por não subsistir na versão imperial nenhum dos seis verbos da primeira estrofe original. (RÓNAI, 1958, p.240)

[verso, não reproduzido aqui.]

E nosso crítico tempera o rigor da análise com uma observação ligeira – “época feliz essa...” – mais uma vez promovendo aquele **equilíbrio entre bom humor e erudição** destacado por Ascher. No próximo parágrafo, confirmando seu estilo próprio, Rónai lança uma indagação, bem dentro da caracterização realizada por Ascher.

Se essa metamorfose de seis orações numa única exclamação é realmente curiosa, há outras traduções não menos pitorescas e inesperadas. Um cotejo das melhores – das quais o Prof. Júlio Nogueira tentou com espírito realizar uma fusão – leva-nos a supor que, pelo menos teoricamente, deve existir uma única tradução perfeita possível em português, que ainda não foi alcançada. Não há, pois, motivo para os tradutores desanimarem: o “Soneto” de Arvers, de que andamos tão saturados, espera ainda, apesar das centenas de tentativas já empreendidas, a sua incorporação definitiva na lírica de língua portuguesa. (RÓNAI, 1958, p.241)

Este convite aos tradutores brasileiros, esta brincadeira bem humorada, mais uma vez dá o tom de leveza que afasta o fantasma da afetação da erudição. A citação à tentativa de Júlio Nogueira confirma que Rónai não se frustrou ao prazer, como ele mesmo declara no início do ensaio, de ler o livro de Melo Nóbrega de ponta a ponta.

E Rónai encerra o ensaio:

Para o meu gosto, daqui em diante, seu maior mérito, mais que em sublimar em poesia um truísmo sentimental, consiste em ter provocado o nascimento deste belo ensaio, autêntico padrão para os estudiosos que resolveram focalizar obras isoladas da literatura, especialmente para os futuros autores de teses de nossas Faculdades de Filosofia. É pena não haver um apêndice bibliográfico, ou pelo menos algumas notas que especifiquem a fonte das informações, e terem escapado erros à revisão, sobretudo nos textos franceses. Eliminando esses leves senões numa segunda edição (*), que cordialmente lhe desejamos, o Sr. Melo Nóbrega nos terá brindado com um trabalho de verdadeiro humanista.

1955

(*) Esta segunda edição, melhorada e ampliada, foi publicada em 1957 pela Livraria São José, Rio de Janeiro.⁸ (RÓNAI, 1958, p.242)

Essas pequeninas falhas do texto não passam despercebidas ao crítico Paulo Rónai, mas são mencionadas *en passant*, sem desmerecer o valor da obra, e suas correções, presentes já na 2ª edição do livro de Melo Nóbrega, são observadas em nota de rodapé quando Rónai seleciona este ensaio para ser publicado em seu “Encontros com o Brasil”, sugerindo assim, o estabelecimento do **diálogo** que Nelson Ascher havia mencionado.

3. Conclusão

⁸ Nota que Rónai inseriu no texto publicado em *Encontros com o Brasil*, mas que não esteve presente no artigo original, publicado em jornal, em 1955.

Quando sugere a utilidade do ensaio como “autêntico padrão para estudiosos [...] especialmente para os futuros autores de teses de nossas Faculdades de Filosofia”, o crítico Paulo Rónai dá voz ao professor Paulo Rónai, o que confirma a conclusão a que eu havia chegado ao final das minhas análises sobre sua obra:

Rónai é multifacetado sim, mas todas as partes compoem um todo íntegro, nenhuma dominante como eu mesma havia, erroneamente, pensado a princípio. Hoje, como conclusão de minhas análises, verifico que a conjuminação de Rónai professor de línguas x tradutor x filólogo x lexicógrafo lhe confere essa capacitação peculiar e única, que é própria do crítico literário. É essa amálgama que permite ao crítico Rónai uma competência ímpar, pois todas as suas facetas atuam conjuntamente. (SPIRY, 2009)

Por ser um humanista, na acepção húngara da palavra⁹, Rónai reconhece um humanista no próprio Melo Nóbrega e dá seu parecer final, denominando sua obra como “um trabalho de verdadeiro humanista”.

Acredito, pois, que o ensaio ronaiano aqui analisado cumpriu plenamente o objetivo proposto, isto é, possibilitou não somente o contato com a produção literária de Paulo Rónai mas também um exame estilístico, e nos possibilitou vislumbrar de que maneira ele contribuiu com a literatura no cenário intelectual brasileiro, conjuntamente com sua atividade tradutória.

Referências Bibliográficas

1. ASCHER, N. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios “Pois É”*. In: Folha de São Paulo, 21/07/1990.
2. KENYERES, Z. *Babits és a Nyugat irodalomszemlélete*. (Babits e a abordagem literária da revista Nyugat). Consultado online em agosto/2013
<https://sites.google.com/site/kenyereszoltan/%E2%80%9Eakett%C3%A9szakadtirodalom%E2%80%9D%C3%A9s%E2%80%9Eazir%C3%A1stud%C3%B3k%C3%A1ru>
3. NÓBREGA, M. *O Soneto de Arvers*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954.
4. RÓNAI, P. *O Soneto e a Emenda*. IN: *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p.237.
5. RÓNAI, P. *Pois É*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
6. SPIRY, Z. *Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary*. 2009. Dissertação de mestrado. Disponível no Banco de Teses da USP: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-18112009-154021/pt-br.php>

⁹ Definição de humanista conforme o dicionário húngaro consultado online <http://www.kislexikon.hu/humanista.html> : **Humanista** é um estudioso especializado em Renascimento; um eminente conhecedor da cultura da Antiguidade clássica, mas, ao mesmo tempo, é um disseminador dos ideais humanistas, de cultura ampla e esclarecida, um incentivador/ fomentador da evolução social, um profundo conhecedor da língua e literatura grega e latina. [minha tradução, do húngaro].